

# **Identidade homossexual e negra em Alagoinhas**

**Ari Lima**

Antropólogo, Professor Adjunto da UNEB e Professor Assistente da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

**Filipe de Almeida Cerqueira**

Graduando em História da UNEB/Campus II e pesquisador-bolsista do Programa de Iniciação Científica PICIN/PIBIC – UNEB

## **Resumo**

Neste trabalho, apresentamos dados de uma pesquisa em andamento que pretende refletir sobre a construção de identidade homossexual e negra de jovens habitantes da cidade de Alagoinhas, situada no Litoral Norte, a 107 km da capital do Estado da Bahia. Alagoinhas é uma cidade de médio porte com um contingente populacional expressivo de negros. Nesta cidade, se encontramos espaços e produções culturais que agregam e podem ser tomados como referência para os negros, não encontramos serviços e espaços de sociabilidade dirigidos ou, deliberadamente, constituídos para o público homossexual. Através de um trabalho de entrevistas e observação em espaços “heteronormativos” freqüentados por homossexuais, discutimos como se elabora identidade homossexual e negra em espaços “onde todos têm a liberdade de conviver”, mas o homossexual negro, como tal, pode ter bloqueada sua liberdade de expressão.

Palavras-chave: identidade; homossexualidade; negro; Alagoinhas.

## **Abstract**

In this work I will be presenting the data from a current research on homosexual and black identity of young inhabitants of Alagoinhas, a town located on the north coast of Bahia, situated about 107 km from the capital, Salvador. Alagoinhas is a medium sized town, with an expressive black population. Here you can find places and cultural activities directed to the black population, but it is almost impossible to found services or social places directed specifically to the homosexual public. Throughout interviews and observations in “heteronormativos” places frequented by homosexuals, it is discussed how the homosexual and black identity is built on areas where they have the freedom of being together but where the black homosexuals may have their freedom of expression restricted.

Keywords: identity; homosexuality; black; Alagoinhas.

Normalmente, a pesquisa e o debate sobre relações raciais e homossexualidade no Brasil tomam como referência cidades de grande porte, onde as identidades sociais são elaboradas e visibilizadas através de relações e sociabilidade em espaços diacríticos. Na Bahia, não é diferente, e neste caso a cidade de Salvador, capital do Estado, é a referência para os estudos, movimentos de afirmação identitária e padrões de sociabilidade negra e/ou

homossexual. Neste trabalho, constituímos um deslocamento em relação a esta tendência nacional e local. Apresentamos dados de uma pesquisa em andamento na cidade de Alagoinhas, situada no Litoral Norte, a 107 km de Salvador. Nessa cidade, se encontramos serviços, espaços e produções culturais que agregam e podem ser tomados como referência para os negros, não encontramos serviços e espaços de sociabilidade dirigidos ou, deliberadamente, constituídos para o público homossexual. Nosso trabalho, portanto, pretende discutir como, numa cidade periférica, o homossexual negro pode ter restringida sua liberdade de expressão. Ou seja, o homossexual negro é estigmatizado pela representação da raça inferior, assim como é estigmatizado, entre negros e brancos, pela representação negativa da sexualidade contra-hegemônica. Num primeiro momento, estabeleceremos o referencial teórico que nos orienta em relação ao debate sobre identidade, homossexualidade e raça. Num segundo momento, apresentaremos os dados de campo e a análise dos mesmos considerando o referencial teórico citado.

### **Identidade homossexual. Identidade negra**

A princípio, se aceitamos falar em nome de uma identidade homossexual, pressupomos que a homossexualidade é alguma coisa, uma relação fixa e idêntica entre diferentes pessoas do mesmo sexo. Desse modo, o termo identidade se refere à sedimentação de significados, de atributos físicos e culturais, de papéis sexuais, naturalizados a ponto de definir um ser imutável e essencial, nomeável pelos outros. De fato, pessoas do mesmo sexo desenvolvem infinitas formas de combinar ato sexual e afeto. Histórica e culturalmente, essas combinações são alteradas e ressignificadas esvaziando assim uma idéia de identidade.

O que representa, então, identidade? Uma dramática história comum? Uma objetável visão de mundo, de sentimentos e experiências? O que nos faz presumir que a identidade persiste através do tempo, auto-identificada como a mesma, unificada e internamente coerente? Em que medida *práticas sexuais regulares*, constituição de identidades diacríticas correspondem a uma coerência interna do sujeito, a um *status* auto-identificado da pessoa? Em que medida identidade é um ideal normativo ao invés de um descritivo aspecto da experiência? E como *práticas regulares* que governam o sexo também governam noções de identidade culturalmente inteligíveis? Em outras palavras, a “*coerência*”, a “*continuidade*” da

*‘pessoa’ não são aspectos lógicos e analíticos da personalidade, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (BUTLER, 1990, p.16).*

Stuart Hall sustenta que as práticas de representação de identidade implicam em *posições de enunciação*. Quem fala e a pessoa de quem se fala nunca são idênticos, nunca estão exatamente no mesmo lugar, ou seja,

A identidade não é tão transparente ou tão sem problemas com nós pensamos. Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão “identidade cultural” reivindica como suas (HALL, 1996, p. 68).

Assim, é preciso termos claro qual posição de enunciação assumimos quando atribuímos uma identidade homossexual a todas as combinações de sexo e afeto entre pessoas do mesmo sexo. Caso contrário, esta identidade pode parecer mais natural do que ela realmente é, pode permitir a definição de padrões biológicos, psicológicos e comportamentais que nem sempre vão estar de acordo com o que os sujeitos realmente fazem, pensam e dizem fazer.

Na realidade brasileira, a assimilação acrítica da categoria homossexual assim como do discurso médico e psicológico sobre a homossexualidade ganha em complexidade. Isto porque, nesse caso, a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo ainda é mais identificada através da combinação entre identidades sociais e sexuais com o sexo biológico e os papéis sexuais dos sujeitos. Assim, paradoxalmente, sobretudo entre as classes mais baixas, rurais, urbanas ou semi-urbanas, podemos ter relações homossexuais ou heterossexuais entre pessoas do mesmo sexo, uma vez que, vulgarmente, acredita-se ser o masculino quem “come”, o feminino quem “dá”.

Daí que se pode afirmar que a categoria identitária homossexual muitas vezes não faz sentido no contexto brasileiro. Faz muito mais sentido a identidade social e o papel sexual combinados com o sexo biológico dos sujeitos. Por exemplo, espera-se que aquele que biologicamente é homem, mas socialmente é visto e se define como “bicha” ou “travesti” desempenhe o papel sexual “passivo”, seja aquele que “dá”, logo a “mulher” da relação. Por outro lado, espera-se que aquele que biologicamente também é homem, e socialmente é visto como tal e se define como homem desempenhe o papel sexual “ativo”, seja aquele que “come”, logo o “homem” da relação. Assim, é tolerável que um “homem” (o “bofe”, o

“macho”) se relacione com uma “bicha” desde que socialmente fique assegurado que ele é “ativo” e a “bicha” “passiva”. Escandaloso é o “homem” ser “comido” pela “bicha” ou “travesti”, ou uma “bicha”, “travesti” ou “homem” se relacionar com outra “bicha”, outro “travesti” ou outro “homem”. É claro que, na realidade, esses estereótipos nem sempre são cumpridos, e pelas mais diversas razões, mas, em todo caso, permanecem e orientam as relações.

É interessante observar, neste sentido, quais os aspectos da “masculinidade” e “feminilidade” são escolhidos neste jogo com os papéis sexuais. Enquanto as “mulheres-macho” dão ênfase aos aspectos de força física e uma certa rudeza do papel masculino, os “homens afeminados” escolhem justamente os aspectos do papel feminino que ressaltam a delicadeza, o lazer e o luxo. Os dois estereótipos são o chofer de caminhão, por um lado, e a *vamp* de Hollywood por outro. As “mulheres” produzidas pelos travestis nunca são donas-de-casa, por exemplo, e se aproximam muito mais da figura da prostituta de luxo. Assim, é escolhido um modelo de “mulher fácil”, de sexualidade solta, que contrasta com o modelo de “mulher certa”, esposa e mãe. Deste modo, na concepção popular brasileira da sexualidade estão colocadas diferenças de poder, onde o homem é sempre socialmente superior à mulher. Esta sexualidade fala mais de “masculinidade” e de “feminilidade”, de “atividade” e de “passividade”, de quem está por cima e de quem está por baixo, do que sobre a heterossexualidade ou a homossexualidade, que são aspectos que entram no esquema sorrateiramente, por assim dizer” (FRY e MACRAE, 1983, p. 46-48).

São muitas, portanto, as categorias sexuais que podem referir àqueles homens que fazem sexo com outros homens e cada uma delas pode implicar em aspectos identitários particulares e descontínuos. Neste trabalho, utilizamos as categorias “homossexual” e “gay”. Homo, do grego, quer dizer o mesmo, logo homossexual é aquele que pratica o sexo com o igual. É a categoria utilizada pela medicina e psicologia quando, a princípio, pouco importa se o sexo biológico do praticante coincide com seu sexo social ou qual sua posição, se “passiva” ou “ativa”, na relação. Todo aquele que pratica sexo com igual é homossexual. O uso dessa categoria significou e ainda significa, para vertentes conservadoras da medicina e psicologia, a compreensão da homossexualidade como uma patologia suscetível de cura através de procedimentos médicos e terapêuticos duvidosos e já questionados (FRY e MACRAE, 1983; TREVISAN, 2004). Por outro lado, aponta também para um discurso político e institucionalizado que pretende agregar interesses de todas as possíveis categorias sexuais contra-hegemônicas.

A categoria “gay” se dissemina no Brasil a partir da década 70, do século XX. Originária do inglês norte-americano, quer dizer alegre, feliz e supõe uma identidade social que se coadune com essa idéia. Essa identidade prevê uma relação sexual e afetiva igualitária

entre os parceiros, a idéia do casal feliz, bem ajustado socialmente, tal como os modernos casais heterossexuais. Tende a condenar ou vê com maus olhos o sexo promíscuo ou o sexo perigoso com prostitutas e pessoas de classe, raça e etnia inferiorizadas. Além disso, é ordenada por hábitos de consumo de bens materiais e simbólicos que nem sempre estão disponíveis àqueles que, em virtude da posição de classe, raça, faixa etária ou origem étnica, são excluídos do consumo.

A disseminação da categoria gay no Brasil foi também o momento de eclosão de uma “cultura gay” que favoreceu a visibilidade e afirmação politizada dos homossexuais, ainda que através das possibilidades geradas pelo consumismo das classes médias. Foi o período em que travestis ganharam destaque em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, assim como michês, rapazes prostitutas, passaram a comercializar seus corpos nas ruas dessas cidades. Além disso, a homossexualidade, a bissexualidade e a androginia foram tematizadas na cena cultural e na mídia através de artistas como Ney Matogrosso, Angela Rô Rô, Gilberto Gil, Caetano Veloso, na música, Plínio Marcos, na dramaturgia, ou João Silvério Trevisan e Caio Fernando Abreu, na literatura. Acrescentou-se às praças públicas e cinemas localizados em zonas centrais das cidades, tradicionais pontos de encontro sexual e sociabilidade homossexual, a iniciativa de empresários, homo e heterossexuais, que ofereceram grande número de boates, saunas, bares e espetáculos para o público gay e jovem de classe média com potencial de consumo (GREEN, 1999).

No caso da identidade “negro”, consideraremos antes o debate sobre o conceito de “raça” e a constituição de identidade racial negra. Nesse sentido, Antonio Sérgio Guimarães (1999) afirma que, no Brasil, “raça” não faz parte nem do vocabulário erudito nem da boa linguagem. É um conceito cujo uso se atribui a pessoas “não refinadas”, aos que são discriminados pela fenotipia ou aos movimentos sociais. Entretanto, a despeito da negação da cientificidade do conceito de “raça”, o mesmo continuou a operar socialmente e determinar as relações sociais no Brasil. Diante disso, o autor se posiciona ao lado daqueles que, vítimas do racismo e da discriminação racial, defendem o uso crítico do conceito “raça”, de modo que se possa explicar e analisar o caráter ideológico de uma noção que não corresponde a nenhuma realidade natural, porém, denota uma atitude social negativa e inferiorizante frente às informações biológicas e culturais de certos grupos sociais.

A argumentação do autor pode ser vista como correlata e como um desdobramento do que afirmou, décadas antes, o psiquiatra negro martinicano, Frantz Fanon, em *Peles Negras, Máscaras Brancas* (1983). Fanon afirma que o problema do negro é ser negro para o

Homem branco. Assim, o negro não é humano ou, em outra medida, é subumano, na medida em que não encarna o ideal iluminista branco de civilidade, liberdade individual, igualdade fundamental entre os homens, livre arbítrio e representação de poder. Ele é uma idéia criada pelo Homem branco, é uma projeção deste, que o nomeou como tal e determinou, pela violência física e simbólica, pelo controle da palavra e de sua enunciação, onde o negro deveria estar e como deveria existir. Desse modo, para Frantz Fanon, só existiria um único destino negro: ser branco. Se o negro é uma idéia, quer dizer que ele existe como objeto na linguagem do branco, no uso de uma sintaxe, da morfologia de uma língua, de um quadro de pensamento. É uma representação. Dominar a sintaxe e a morfologia dessa língua, seu quadro de pensamento e depois implodir a idéia do negro para si mesmo e para o outro é a tarefa revolucionária que Fanon propõe. Essa tarefa desconstrutiva requer do negro a consciência econômica, social e histórica de si mesmo, assim como, por extensão, a desconstrução da auto-imaginação do seu autor, o Homem branco.

O que Fanon alerta, portanto, é que a história da idéia do negro é a história da colonização e da pós-colonização do negro, seu sentido não se satisfazendo isolado desse dado. O negro como idéia é o resultado da expansão territorial e simbólica da civilização branca européia em África, no continente americano, mas também é uma idéia interior ao negro colonizado, permanentemente preocupado em atrair a atenção do branco, ansioso em ser poderoso como o branco e constituir-se como Ego Branco, ou seja, psicologicamente o negro se sente sempre “o Outro” em busca da permissão do branco pela sua existência. Autodesvaloriza-se como sujeito, sente-se fora do lugar em todos os lugares, permanece à espreita, pronto a ser repudiado e contribuindo, inconscientemente, para que uma catástrofe se produza.

Orientados por Fanon (1983) e Guimarães (1999), aqui utilizamos o conceito de “raça” considerando sua vigência histórica, sua determinação pela divisão social do trabalho, do pensamento, do poder político e econômico. É uma idéia política transversalizada por questões de gênero, sexualidade, origem territorial e nacionalidade, interceptada por um *continuum* de cor e fenotípia. Por outro lado, utilizamos negro como uma categoria social transitiva que incorpora variadas gradações de cor e fenotípia, afirma socialmente aqueles sempre negados como sujeito e remete a uma identidade racial.

## **Homossexual e negro. Negro e homossexual**

O homossexual negro é um habitante de dois mundos distintos, que são, ao mesmo tempo, dois tabus da sociedade brasileira, a homossexualidade e a raça. Além de serem mundos tabus, são face de uma sociedade fraturada e descontínua para o homossexual negro que existe de formas diferentes em cada um deles. A negritude se constitui através da normalização do negro heterossexual, representado pela emblemática virilidade de sua força física, agressividade, violência, grande apetite sexual e pênis potente. O homem negro, desse modo, remete à perspectiva do herói. Um homem inabalável, que protegeria a si mesmo e aos subalternos mais frágeis (mulheres e crianças) contra a opressão racial. Ou remete a um ser bestial que, potencialmente, aplicará sua agressividade e violência contra o branco que o violenta e humilha e contra aqueles mais frágeis, mulheres e crianças que deveria proteger (ROSA, 2006). O negro homossexual, tido como portador de um distúrbio moral, da alma ou da natureza, não é admitido nesse quadro. É incapacitado para salvar a raça, tanto quanto é incapaz de proteger os mais fracos. Ao contrário, representa a covardia, a fraqueza, a fragilidade e mesmo uma traição ao estereótipo subumano assimilado pelo próprio homem negro.

O homossexual negro experimenta também uma negação no mundo homossexual – seus clubes, boates, espaços de confraternização, trajetórias pessoais modelares, imagens, mídia gay, sua perspectiva de poder e, o que é muito importante, padrões de consumo, sempre têm como referência o homossexual branco. Ou seja, ocorre uma afirmação da identidade homossexual que passa necessariamente pelas perspectivas definidas por um mercado de consumo voltado para o público homossexual urbano, branco, jovem e integrado às relações de produção e trabalho estabelecidas pelo mundo branco, heterossexual hegemônico. Os homossexuais negros que conseguem entrar nesse mundo poderoso do consumo são induzidos a adotar um referencial branco estadunidense e/ou europeu de identidade homossexual. O que, aliás, vem ocorrendo desde a “Rebelião de Stone Wall”, em 1968, quando gays novaiorquinos atacaram a polícia repressora e desencadearam um movimento político de reivindicação de direitos civis e humanos para os homossexuais. O homossexual negro, sem capacidade de consumo, sem poder econômico e prestígio em função do racismo, encontra-se, portanto, deslocado do padrão identitário aceito, inclusive no mundo heterossexual brasileiro liberal, que dessa forma cede à pressão por aceitação social dos homossexuais desde que estes sejam brancos ou embranquecidos e consumidores vorazes.

Evidenciar a fala desse sujeito duplamente marginalizado significa evidenciar suas ações sociais no sentido de se reconstruir para conseguir um lugar em dois universos – negro e homossexual, ambos marginais na sociedade brasileira e na micro-esfera social em questão, que é a cidade de Alagoinhas. A seguir, discutimos o caminho do sujeito homossexual, negro e masculino na cidade de Alagoinhas até a formulação de uma identidade que incorpora duas experiências que parecem incompatíveis.

A cidade de Alagoinhas fica a 107 km da capital da Bahia, Salvador. Sua fundação remonta ao século XVIII e se deu através da iniciativa empreendedora de sacerdotes católicos portugueses. O povoamento da cidade inicialmente ocorreu com a migração de pessoas originárias dos municípios limítrofes de Irará, Inhambupe e Santo Amaro. Desde então, a cidade não parou de crescer, uma vez que se tornou uma zona comercial privilegiada, passagem obrigatória de pessoas que se encaminhavam para o norte. Atualmente, sua economia se sustenta no comércio, agropecuária e algumas poucas indústrias. De acordo com o Censo 2000, possui 105.799 habitantes.

Os jovens homossexuais negros de Alagoinhas que entrevistamos e observamos estão à margem ou participam nas margens do modelo de homossexualidade que se dissemina desde *Stone Wall*, assim como longe do mito viril de negritude. Primeiro, porque o mercado gay não os atinge da mesma forma como atinge o homossexual que vive no grande centro urbano, ou seja, não há serviços dirigidos para gays, do mesmo modo estes não constituem espaços diacríticos e têm baixo poder de consumo. Segundo, nas imagens que chegam do modelo até Alagoinhas, os homossexuais negros se percebem representados como algo pitoresco, exótico e mercadoria sexual. Outro aspecto importante é que, diferente do que tende a acontecer nos grandes centros urbanos, em Alagoinhas, os homossexuais negros são sujeitos enclausurados pela homofobia reproduzida no discurso cristão católico ou evangélico, pela política partidária, por grupos de homens heterossexuais que agridem e exterminam homossexuais, pelo desprezo dos grupos de negros para com a questão do homossexual negro, pela negação que sofrem entre familiares, colegas de sala de aula e trabalho.

Alagoinhas, como é comum entre as cidades do interior da Bahia, não oferece uma cena gay efetiva a seus habitantes homossexuais. Por outro lado, oferece espaços de diversão e socialização “neutros”, onde “todos têm a liberdade de conviver” desde que se adequem a uma sociabilidade heteronormativa. Ou seja, os gays que frequentam esses espaços devem evitar a “fechação” caracterizada por linguagem, gestos e atitudes tidas como afeminadas, assim como devem evitar contatos íntimos. Além disso, são obrigados a compartilhar com os heterossexuais interesses, gostos e assuntos que silenciam sobre a condição homossexual.

Nossos entrevistados compreendem bem esses limites e códigos subliminares, porém citam alguns espaços da cidade como de grande frequência gay. São eles: o Terminal Point – bar localizado próximo ao principal terminal de transporte coletivo da cidade; o Mercado do Artesão – onde, durante o dia, funcionam galerias de venda de produtos artesanais da cidade e a Casa do Poeta e, durante à noite, ocorrem shows, na maioria das vezes com artistas da região; a Praça Kennedy; a área de alimentação da Praça Ruy Barbosa e o Ranguinho – bar que, nas noites de sexta-feira, interdita a rua em que se localiza.

Entre os nossos entrevistados, alguns já assumiram sua homossexualidade para toda a sociedade, outros estão no “armário” ou num processo de saída do mesmo, visto que assumiram para os amigos, alguns parentes, mas não para o núcleo principal da família (pai, mãe). Um deles comenta:

(o homossexual) ele precisa se assumir! Pra ele mesmo! O primeiro passo dele! Pra ele mesmo! Eu me aceito! Porque a pessoa não pode viver “bitolada” naquilo que “Ai meu Deus é agora” e vai inventar coisas, tipo não é... Tem muita gente que vive nessa inda. De viver a vida toda para mostrar uma coisa que não são. Nem todo mundo que tá preparado pra colocar na testa! Viver de uma forma caricata não precisa. Mas acho que a pessoa precisa se assumir primeiro. [...] o povo que se aceita cria coragem. Não liga muito pra o que as pessoas vão pensar. Não se preocupa muito com o preconceito do outro, por que cê tá bem resolvido pra você! a mesma coisa é o gordinho. Ele só vai ser feliz se ele se aceitar. A pessoa do cabelo duro também! [...] (Rafael Bastos, vendedor<sup>1</sup>).

Para todos os entrevistados, a homossexualidade deve estar “resolvida” para o próprio homossexual. Esse é o primeiro passo. A partir desse ponto, da auto-aceitação, o homossexual consegue construir um caminho percebendo a sua sexualidade não como algo anormal, mas como uma diferente expressão da sexualidade. A forma como essa homossexualidade é edificada difere de sujeito para sujeito homossexual.

Eu nunca precisei, mesmo tendo a consciência de muita gente que faz, de ficar inventando historinha, pra tipo inventar namoradinha. Eles fazem... pode ser por medo, repressão familiar. N's fatores. Cada caso é um caso. Tem gente que é descaração mesmo e acontece! Prefere ficar nessa vida dupla de [...] fantasiado! Tem gente que é por repressão mesmo. Como eu tenho amigos que o pai é super rigoroso e aí não vai aceitar de jeito nenhum, o cara sabe, prefere ficar nessa vidinha dele. No armário. Dizendo que tá com a namoradinha. Nunca leva essa namorada em casa! Esse tipo de coisa acontece muito [...] (Lúcio, universitário).

---

<sup>1</sup> O entrevistado exigiu que seu nome fosse divulgado. Os demais entrevistados aparecem com nomes fictícios, criados por eles antes da entrevista ser realizada.

Resolvidos consigo mesmo, estes partem para novos horizontes. Enfrentar o ambiente familiar e o social são as próximas barreiras a serem quebradas.

Minha mãe é uma pessoa um pouco difícil. Ela tem um gênio muito forte. E não sabe de mim. Mas a gente se dá super bem... Com minha irmã também. A gente tem uma afinidade muito grande. A gente conversa muito. Ela sabe que sou gay e foi muito bom! Muito importante pra mim! Uma parte muito importante. E a gente conversa sobre minhas relações, sobre a homossexualidade. Até a partir do momento em que eu contei pra minha irmã, a gente começou a falar sobre este assunto, ela até mudou a visão dela sobre a homossexualidade. E a nossa amizade se fortaleceu mais, o amor entre irmãos mesmo se fortaleceu. Mas minha mãe não. Minha mãe, como eu disse antes, é uma pessoa muito difícil. Eu acho que ela não aceita. Por que toda mãe sabe [...] Ela sempre me cobrou namorada. E eu tenho que entender o lado dela [...] Acho que também é uma questão de proteção. Do filho sofrer, sabe? Até pelos casos que tem próximo de gente que anda churriando, falando piadinhas [...] a relação com a homossexualidade é complicado com minha mãe (Caio, universitário).

Além da família, outro grande obstáculo citado é o ambiente de trabalho. Consideram o trabalho como a principal fonte de independência de sua homossexualidade. Na iminência de que talvez nunca venham a falar sobre sua sexualidade no âmbito familiar, agarram-se ao trabalho como saída para que se algo der errado em casa, possam sair do problema sem enfrentar maiores dificuldades. Entretanto, nas relações do dia a dia no trabalho, eles se deparam com outras situações e códigos da homofobia presentes na cidade de Alagoinhas. Apontam para relações distantes com heterossexuais masculinos e relações mais próximas com heterossexuais femininos. Exemplo disso é a dificuldade de auto-reconhecimento nas conversas entre colegas homens heterossexuais na hora do almoço ou na volta para casa – quando o trabalho não é necessariamente o foco principal de interesse. Quanto mais o ambiente extraordinário ao trabalho for masculino, maior é a homofobia.

Eu já fui discriminado, várias vezes... Também por que lá a maioria são homens. Você vê a questão da discriminação em alguns colegas se utilizar de algumas palavras. De não querer andar com você. Ter ouvido comentários de “Ah! Ele é gay, não vou andar com ele!” Eu já fui discriminado várias vezes [...] (Lucas, universitário).

Da mesma forma que foi preciso um período de autoconhecimento para aceitação da sua diferença homossexual, esses jovens também tiveram que pensar na sua negritude como fator diferencial na sociedade.

Na minha família mesmo a gente tem a família de meu pai que é negra, a família de minha mãe que é branca. Como eu tive mais convivência com a

família de minha mãe, cresci com a família de minha mãe, eu e minha irmã sempre fomos tratados como “neguinho”, “neguinha”. Não sei se de forma carinhosa, ou preconceituosa. Por que quando criança você não sabe definir muito isso. Mas eu vivi minha infância, minha adolescência eu não me assumia como negro. A partir dos 18, 20 anos comecei a fazer outras leituras, a partir do momento da faculdade também, isso me ajudou muito. Os amigos da universidade ajudaram a me aceitar como negro. Até de ver essa questão de ser tratado de uma forma que eu não enxergava... Por que eu acho que tem influência assim por eu andar com meus primos que era todos brancos e minha mãe também dizia; “Ah! Você não é negro! Você tem pele clara”. Hoje eu me enxergo como negro. Tanto pela família de meu pai, por eu ser assim com pele clara, ter meu cabelo crespo. Mas hoje eu me vejo negro. E a universidade me ajudou muito nisso. Eu não tinha essa coisa definida, não tinha aceitação. De dizer eu sou negro e me aceitar. Eu tinha uns bloqueios (Caio, universitário).

Para Caio, a experiência na universidade foi importante e o ajudou a se afirmar como negro perante os seus colegas de trabalho e diante da família de sua mãe. Caio relata que, por ter pele clara e ser considerado branco ou sarará, tem sempre que se afirmar para as pessoas. E que, geralmente, as pessoas se assustam com suas declarações. Ele acrescenta:

As pessoas perguntam assim: você se classifica como o quê? “Como negro!” “Mas não, você não é negro!”. As pessoas sempre estão me questionando. Eu tenho que ficar afirmando pras pessoas. Eu sou negro! E [...] Eu acho que é por esta questão de ser negro de pele clara!

São homens negros homossexuais que precisam se afirmar contra a homofobia de que são vítimas e também contra a negação de sua negritude e igualmente contra o racismo. Como comenta Rafael Bastos sobre o processo de aceitação de sua negritude:

É eu sou negro! Tem aquela coisa [...] A gente sempre fica meio confuso! Por que na escola tem o moreno, o mulato, vai botando por uma escala de cores. Tudo tem uma escala de cores. E eu ficava: Meu Deus, em que escala eu tô? Depois tu aprende que tu é negro mesmo, que é tudo mentirinha do povo, para minimizar [...] Mas eu sou negro! Mesmo porque uma pessoa do cabelo duro como eu, com um nariz dessa largura não tem como não ser negro (Rafael Bastos, vendedor)!

Os entrevistados ressaltam que, quando existe essa negação da sua identidade racial por uma gradação “mais branda” da cor, são feitos comentários do tipo “Não, mas você não é isso não!”, “Negro? Você não é negro! Pra que isso? Você é moreninho”. Tais comentários sugerem que ser negro é ruim e quem se identifica como tal, podendo não fazê-lo, corre o risco de ser mal visto na sociedade alagoanhense. É nesse turbilhão identitário que esses

homossexuais vão se reconstruir. Evidenciando aos poucos sua homossexualidade, primeiro para si e depois para a sociedade. Também sua negritude tem que ser afirmada constantemente, em virtude da crença de que as gradações mais claras da cor da pele liberam o indivíduo dos dramas provocados pelo racismo e negação da raça negra.

Em ambos os casos, a negritude e a homossexualidade são identidades que os sujeitos formularam, antes de tudo, para eles mesmos. Mas é a homossexualidade que é formulada primeiro. E como dissemos anteriormente, as duas identidades são formuladas como se uma não fizesse parte da outra. Os entrevistados relatam que, pelo fato da homossexualidade “tomar a maior parte do tempo” ou ser “causadora de maiores problemas”, eles refletem sobre a identidade homossexual primeiro. A questão de ser negro vem em outros momentos, não fazendo parte de uma preocupação concreta dos sujeitos, por “não tomar parte tanto assim da minha vida” ou, como é relatado na maioria das entrevistas, “eu nunca tive muitos perrengues (problemas) com a minha cor”. Apesar disso, os entrevistados narram várias formas diferentes de insultos que já sofreram por serem homossexuais e acabam contando também casos de discriminação com outros gays, na rua, no trabalho, na família, por serem negros. As discriminações vão desde o insulto verbal à violência física. De fato, embora normalmente os entrevistados não percebam, a homofobia tanto quanto o racismo aparecem na infância de maneira direta, perpassam toda a adolescência e permanecem um enfrentamento mesmo depois de se assumirem.

### **A busca pela territorialidade gay**

A capital Salvador é considerada por todos os entrevistados como referência de grandes possibilidades no território gay e negro. É lá que ocorrem as principais festas, onde estão as grandes boates, as ruas, os bares, as praias, as saunas e cinemas gays e o Grupo Gay da Bahia (GGB), a mais antiga associação gay do Brasil. Além disso, Salvador também é um grande pólo de negritude. Ao contrário do que se vê em Alagoínhas, a cultura negra é quase onipresente. Desse modo, para os nossos entrevistados, Salvador aparece como uma cidade idealizada, sem defeitos, onde os gays têm mais espaço e os negros mais visibilidade. E é em busca de novas possibilidades, de liberdade, que muitos homossexuais alagoínhenses vão a Salvador. Saem de suas casas e dirigem-se à capital em busca de liberação sexual e trânsito em territórios gays. Para aqueles que ainda não se assumiram totalmente, é a ilusão que

podem fazer tudo, podem viver sem máscaras. Para aqueles que já ostentam sua homossexualidade escancaradamente, Salvador representa uma válvula de escape em relação à cena gay alagoinhense.

A cultura gay em Salvador tem mais opções. Em Salvador tem opções, não é?! Tem o universo em Salvador ao seu redor. Tudo conspira para você em Salvador. Salvador lhe proporciona isso. Tu pode ir pra uma sauna, tu pode ir pra uma boate. Tu pode ir pra tanta coisa em Salvador, que Alagoinhas não lhe dá. Não lhe proporciona. É por isso que acontece o fluxo de pessoas que saem de Alagoinhas para ir para Salvador (Lucas, universitário).

Lucas complementa:

Salvador tem aquela coisa de negro [...] Salvador as pessoas se envolvem mais nesses assuntos. Não sei, acho que Salvador tem uma concentração maior de grupos que se preocupam com isso. Com o negócio da consciência. No caso de universidades, grupos. Os blocos afros fazem também um trabalho legal voltado a isso. Ong's. Então eu acho que em Salvador, a negritude tá mais na veia do povo! Eu não percebo muito isso aqui em Alagoinhas, sabe? Esse negócio da negritude. Do negro aqui [...] Deve acontecer, em universidades, mas eu não vejo muito isso aqui. Só assim tipo, dia da Consciência Negra, movimentação de escola, de faculdade. Mas não é aquela coisa tipo, o ano todo. Não tá na veia tipo em Salvador que tá sempre acontecendo alguma coisa. Voltada a essa conscientização da negritude. Aqui em Alagoinhas não acontece.

Salvador está para os homossexuais de Alagoinhas como Alagoinhas está para homossexuais dos distritos do município ou de cidades menores da região.

Esse pessoal assim, tipo, Inhambupe, Aporá, Itanagra, cidades menores que Alagoinhas, bem menores... Eu sinto assim, eles têm Alagoinhas como a gente tem Salvador. Eu acho isso incrível! Por que a mesma visão que ele tem de Alagoinhas [...] Mais ou menos como o pessoal de Salvador pensa em São Paulo. Eles tem essa visão que Alagoinhas tem mais opções e realmente tem para eles. São do interior e até questão de mercado é pouco pra eles. Eu acho isso incrível! Eu sempre comparo.

- *Saem de lá para vir a Alagoinhas?*

Saem! Alguns são ousados e vão direto para Salvador. Outros vêm para Alagoinhas. Eu acho ótimo. Adoro quando encontro assim do interior. Catu, Inhambupe. A maioria... muitos vêm para Alagoinhas. Claro que tem os que vão para Salvador. Mas em termo de economia eles gostam muito de investir em Alagoinhas, é uma cidade suporte para eles, não é?

- *Cê tem algum amigo nessas cidades?*

Tenho. Várias cidades. Em Aporá, em Catu. A maioria, muitos vêm pra cá. Tipo como eu, que não podia fazer nada em Alagoinhas e ia para Salvador. Eles fazem a mesma coisa aqui. [...] os gays que não podem ir para Salvador, não podem! Não pode soltar a franga na rua, não solta já que tem o medo, né? Cada um tem que fazer o que pode. "Já que eu não posso ir para Salvador, vou me divertir como posso" (Rafael Bastos, vendedor).

Na sua grande maioria vindos da periferia da cidade, os negros homossexuais se encontram quase ou sem referências. Para se deslocar ao “paraíso” e conhecer seus frutos, é preciso dinheiro. Salvador realmente é uma cidade com maior expressão gay e negra que Alagoinhas, mas informação custa caro e a população negra é marcada por precárias condições de acesso a bens materiais e simbólicos, sobretudo quando comparada à branca (SILVA, 2000). O mundo gay idealizado e suas referências se tornam um lugar distante e segregador.

E as pessoas têm muito isso. Infelizmente! Deixa eu te dizer... O gay rico tem uma liberdade de fazer certas coisas que o gay pobre não tem. Que quando o gay rico faz uma coisa e o gay pobre faz a mesma tem aquela visão: Ah meu Deus! “Que bichinha”! Com o gay rico não. “Ai que legal! Olha como ele é pra frente”! “Como ele é moderno”! O gay pobre não tem esse privilégio. Questão de preconceito das pessoas mesmo! [...] Os gays ricos fazendo eles tem uma visão [...]

- *Ele quem? Os heteros?*

Sim os heteros! O gay pobre fazendo ele tem uma visão. Com o gay rico ele tem outra. Entendeu? Com o gay rico fazendo ele acha legal! O gay pobre ele acha frescura, putaria! Sendo que são a mesma atitude.

- *Você acha que quando se trata de casais negros [...] é diferente de quando se trata de casais gays brancos [...] o povo vê eles de forma diferente? [...]*

Sim! Por que como eu já falei... Ele tem duas situações para contornar. A de ser negro e a de ser gay. Se ele já se assumiu, já é problema dele. Ele já se assumiu, já se libertou, não está mais naquela clausura. Mas agora vem o povo, né? E o povo vai bater na cara dele, por ele ser negro e por ele ser gay! “Ô pra ali ó [...] preto e viado!”, “Duas bichinhas pretas viadinha!”

- *E falam assim?*

Sim. Acontece de falarem assim! Isso em todo lugar. Vou colocar o Iguatemi (shopping de Salvador), é mais popular [...] De repente tu vê dois negros de mão dada. Tu sabe que tem pessoas que estão comentando. Eu vou achar lindo. Vou bater palma. Chegar lá. Olha arrasou! Não é? Mas tu sabe que tem gente que vai falar. “Olha pra ali ó. É preto e ainda é viadinho!”, “Dois viado preto junto!”. (Rafael Bastos, vendedor)

Rafael aponta para o fato de que, em certo sentido, o homossexual branco experimenta uma liberdade sexual que o negro não dispõe. Nesse sentido, o negro não é completamente excluído, mas será inserido no mundo gay em momentos específicos, tal como o do sexo. Se como afirma Marcelo Cerqueira, os gays costumam ser mais abertos “*a novas e exóticas experiências sexuais*” do que os heterossexuais<sup>2</sup>, esta é oportunidade especial na qual o homossexual negro participa do mundo homossexual branco. O gay negro é solicitado para aventuras sexuais rápidas e sem compromisso e em espaços periféricos. Uma vez que o negro

---

<sup>2</sup> A entrevista com Marcelo Cerqueira está disponível no site do GGB – Grupo Gay da Bahia. [www.ggb.org.br](http://www.ggb.org.br)

não pode compartilhar do mundo gay rico e glorioso de referências estrangeiras, ao menos é convocado a participar servindo de objeto sexual. Nesse caso, o negro é associado ao perigo, à marginalidade, à força física, ao sadismo e exotismo, representação racista comum no imaginário branco heterossexual.

Rafael Bastos acrescenta ainda que:

O negro também tem essa preocupação. Da imagem dele! Do machão sabe? E o negro não se preocupa com que o branco pensa dele não? O branco fala tudo do preto para o branco. O preto é tudo de ruim. Tipo desmoralizando a raça negra entendeu?

Ao corroborar essa representação racializada, o negro heterossexual, em desvantagem com o homem branco no que diz respeito à hombridade determinada por poder econômico e político, compensa a desvantagem através da incorporação de uma representação de virilidade<sup>3</sup> que se caracteriza pela agressividade, pelo papel sexual ativo de um pênis tido como grande, pela negação do desejo homossexual, pelo esconjuro do feminino, do afeminado e, particularmente, do afeminado negro, como evidenciam as seguintes frases ouvidas e citadas por nossos entrevistados: “o viado negro está sujando a raça!” ou “além de preto, é viado!”.

### **Considerações finais**

No processo de construção da identidade homossexual negra, para os sujeitos interessados, homossexualidade e negritude não aparecem claramente superpostas ou amalgamadas. Primeiro, eles enfrentam a segregação heterossexual. Não se reconhecem como gays e se travestem de heterossexuais. Para melhor afastar suspeitas de uma latente homossexualidade, violentam a si mesmos e, depois, para comprovar sua masculinidade junto aos outros homens heterossexuais homofóbicos, acabam por corroborar e reproduzir a violência contra outros homossexuais. Ou seja, para um homem ter aceita sua

---

<sup>3</sup> Gutmann (1999) observa que a antropologia da masculinidade normalmente aborda e discute masculinidade considerando ao menos quatro pontos temáticos: a construção da identidade masculina, a hombridade, a virilidade e a definição de papéis masculinos. O primeiro ponto considera o que os homens pensam e fazem; o segundo considera o que os homens pensam e fazem para ser homens; o terceiro considera o que é auto-atribuído ou adscrito que torna alguns homens mais homens do que outros; o quarto ponto considera o que, diante da dualidade masculino-feminino, é visto como não-feminino e específico papel do homem.

heterossexualidade, sua masculinidade, ele não apenas deve demonstrar ostensivamente o desejo pelo sexo oposto, mas igualmente ódio e desprezo ao homossexual.

Mais tarde, quando assumem para si sua sexualidade, os homens homossexuais negros conhecem o mundo gay envolto numa redoma de classe média branca. A divisão social, racial e sexual define o dia a dia desses homens dentro do seu “próprio mundo”. Vivenciam uma identidade gay (branca), separada de uma identidade negra (gay). Situados em Alagoinhas, o fato de esses homossexuais negros terem como referência territorial Salvador, e nesta cidade a referência ser São Paulo e nesta última a referência ser as grandes metrópoles européias e estadunidenses, só reforça a aparência de apartamento entre ser gay e ser negro, assim como reforça a negação se si mesmos.

De fato, o novo homossexual disseminado no Brasil é um heterossexual de segunda ordem. Ele deve ser bem sucedido, de classe média, com corpo esculpido em academias de ginástica e morar num belo apartamento de uma cidade grande. Livre, deve esquecer que um dia foi segregado e viver a ilusão de que é bem aceito pela sociedade. Ou seja, a norma heterossexual necessariamente não segrega, mas se infiltra no mundo gay para moldar os sujeitos homossexuais, de modo que se tornem toleráveis. Desse modo, a homofobia – criação heterossexual – é reforçada em território gay, habitado por sujeitos homossexuais brancos e viris, que “não dão pinta” ou, como dizem os liberais, “que nem parecem ser gays de verdade!”. Aqueles que não se enquadram nesse modelo identitário (afeminados, negros, periféricos, travestis) continuam segregados, não apenas pelos heterossexuais, mas também pelos próprios gays, num processo de violência coletiva e encadeada.

## Referências

- BUTLER, Judith. “Contingent Foundations: Feminism and the Question of Posmodernism”. In: BUTLER, Judith e SCOTT, Joan W. (eds). *Feminists Theorize the Political*. New York: Routledge, 1992..
- CONDE, Michele Cunha Franco. *O Movimento Homossexual Brasileiro: Sua Trajetória e Seu Papel na Ampliação do Exercício da Cidadania*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, 2004.
- FANON, Frantz . *Peles Negras. Máscaras Brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.
- FRY, Peter e MACRAE, Edouard. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- GREEN, James N. *Além do Carnaval: Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX*. UNESP. São Paulo, 1999.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Racismo e anti-racismo no Brasil*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- GUTMANN, Matthew C. “Traficando com hombres: La antropologia de la Masculinidad”. In: *Horizontes Antropológicos*, 10, Porto Alegre: UFRGS/IFCH/PPGAS, 1999.
- HALL, Stuart. “Quem Precisa de Identidade?”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e Diferença*. Perspectivas dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.
- HALL, Stuart. “Identidade Cultural e Diáspora”. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 24, 1996. p. 68-75.
- ROSA, Waldemir. *Homem Preto no Gueto: Um estudo sobre masculinidade no Rap brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Antropologia Social. Departamento de Antropologia. Universidade de Brasília, 2006.
- SILVA, Nelson do Valle. “Extensão e Natureza das Desigualdades Raciais no Brasil”. In: GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo e HUNTLEY, Lynn (Org). *Tirando a Máscara*. Ensaio Sobre o Racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra Editora, 2000. p.33-51.
- TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso. A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade*. 6º ed. São Paulo: Record, 2004.
- VIANA, Fabrício. *Causas e Origens da Heterossexualidade*. Disponível no Site [www.armariox.com.br](http://www.armariox.com.br) . Acesso em maio de 2007.